



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 07/09/18

BRASIL	1
Precios de la hacienda se afirman por escasa oferta y buen ritmo exportador	1
Exportación de carne refrigerada llegó a un récord en agosto	1
Demanda china continuará favoreciendo a Brasil	2
Autoridades brasileñas niegan responsabilidad en caso de carbunco verificado en TURQUÍA.....	2
Brasil emitió nueva normativa para exportación de ganado en pie.....	3
Egipto aceptó propuesta para certificación electrónica de exportaciones	3
Critican nueva tabla de fletes	4
URUGUAY	4
Cierra una semana con dificultades para concretar negocios por hacienda	4
Devaluación en la región “cambia las condiciones de comercio” en China	4
PARAGUAY	5
En Paraguay “no vamos a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa”	5
CHILE reunión final de la auditoría.....	5
UNIÓN EUROPEA	5
La UE reiniciará negociaciones con EE.UU. para importar carne vacuna.....	5
ESTADOS UNIDOS	6
Rabobank: industria estadounidense se mantiene fuerte	6
Programación de promoción favorecerá exportaciones de carnes.....	6
Trazabilidad: mejor tarde que nunca	6
APHIS reconoce cuatro regiones con riesgo insignificante de BSE	8
VARIOS	8
AUSTRALIA: China y Corea del Sur aumentan compras de carne vacuna australiana.....	8
EMPRESARIAS	9
Marrig Martín Secco deja de ser CEO y lo sustituye Eduardo Miron	9

BRASIL

Precios de la hacienda se afirman por escasa oferta y buen ritmo exportador

06/09/18 - por Equipe BeefPoint

O cenário é de preços firmes no mercado do boi gordo, mas mesmo com oferta limitada, há resistência para pagamentos acima da referência.

Em São Paulo, por exemplo, os frigoríficos que garantiram escala negociando a termo diminuíram a pressão de compra e a arroba paulista ficou cotada em R\$147,00, à vista, livre do Funrural (5/9).

A exceção foi Mato Grosso do Sul. No estado, a maioria dos abates tem sido composta por lotes picados e, em função desta oferta tímida, a cotação da arroba subiu.

O boi gordo na região de Dourados-MS ficou cotado em R\$143,00/@ a prazo, sem Funrural. Isso corresponde a um aumento de R\$7,50 por arroba em trinta dias. As exportações brasileiras de carne bovina estão a todo vapor neste segundo semestre, cenário que, segundo pesquisadores do Cepea, tem ajudado a sustentar as cotações internas da arroba do boi gordo, visto que enxuga a disponibilidade doméstica da proteína.

O Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa registrou alta de 0,44% de 29 de agosto a 5 de setembro, fechando a R\$ 146,65 nessa quarta-feira, 5. Em agosto, o volume da proteína in natura brasileira exportada foi de 144,42 mil toneladas, 10,4% acima do total de julho/18, segundo a série da Secex.

A maior quantidade vendida somada ao câmbio elevado resultaram em faturamento mensal novamente acima de R\$ 2 bilhões.

Exportación de carne refrigerada llegó a un récord en agosto

04/09/18 - por Equipe BeefPoint A exportação de carne bovina in natura do Brasil somou 144,42 mil toneladas em agosto, um novo recorde histórico, de acordo com dados da Secretaria Comércio Exterior (Secex).

O volume embarcado pelo maior exportador global de carne bovina representou um aumento de 17,6% na comparação com o mesmo mês do ano passado, informou a Secex nesta segunda-feira (03).

O recorde de agosto apagou a maior marca registrada anteriormente pelo setor, de 138,24 mil toneladas, em maio de 2007.



Demanda china continuará favoreciendo a Brasil

04/09/18 - por Equipe BeefPoint A demanda por carne bovina na China é forte e deverá continuar assim em 2019, o que tende a beneficiar o Brasil e outros países produtores em meio ao confronto comercial entre a nação asiática e os Estados Unidos. É o que mostra o banco holandês Rabobank em seu mais recente relatório sobre o segmento.

Diversos surtos de febre suína africana foram registrados nos últimos meses na China, maior consumidor mundial de carne suína. Se a propagação da doença persistir, afirmam os analistas do Rabobank, Pequim deverá aumentar as importações do produto e de outras carnes, como a bovina, no ano que vem.

E a demanda doméstica chinesa por carne bovina já é expressiva, ainda que o produto custe três vezes mais caro que a carne suína, básica no país. As importações chinesas de carne bovina aumentaram 40% no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período de 2017, para 456 mil toneladas. Um provável declínio na entrada na China de carne contrabandeada de Hong Kong, em virtude de inspeções mais rígidas nas fronteiras, deve ter contribuído para esse incremento.

A China continua a se abrir a novos exportadores de carne. Nos últimos meses, vários países europeus, como Irlanda, Holanda, Dinamarca, França e Reino Unido, obtiveram aprovação para exportar carne congelada ao mercado chinês. O primeiro carregamento de carne bovina irlandês chegou ao país em julho. Além disso, 9 mil cabeças de gado bovino Angus chegaram recentemente do Uruguai, para um projeto de reprodução.

Isso porque, apesar do aumento das importações, a forte demanda doméstica também é atendida pela produção local. Segundo o Rabobank, a produção chinesa aumentou 1,1% no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2017, alcançando 2,81 milhões de toneladas. A China é o segundo maior país importador de carne bovina brasileira, atrás de Hong Kong. As importações chinesas da carne brasileira aumentaram 44% entre janeiro e agosto – Hong Kong importou 212 mil toneladas, uma alta de 18%.

O banco holandês nota que, após uma queda em junho, as exportações brasileiras de carne bovina aumentaram de maneira significativa em julho. Os volumes vendidos cresceram 8% nos primeiros oito meses deste ano. E segundo os analistas da instituição, o consumo do mercado doméstico brasileiro, que aumentou 1% em 2017, pode crescer 2% em 2018.

Na Ásia, as importações de carne bovina pelo Japão e pela Coreia do Sul estão igualmente em alta. Os japoneses permitem agora a entrada da carne fresca argentina. O primeiro carregamento chegou em julho. Para o Rabobank, essa decisão pode ser uma indicação positiva para o Brasil, que também quer ganhar acesso ao mercado japonês.

A União Europeia aumentou em 16% as importações de carne bovina nos cinco primeiros meses do ano em relação a igual intervalo de 2017. Países da América do Sul foram os que mais aumentaram as vendas, e esse fluxo deve continuar no segundo semestre. Já as exportações europeias de carne bovina caíram 4% no mesmo período.

De seu lado, as exportações dos EUA cresceram 14% até junho, com alta de 41% para a Coreia do Sul. Mas o irritante na atual política comercial americana são suas frequentes mudanças, realça o banco. E a guerra comercial entre Washington e Pequim está causando impacto na exportação americana de carne suína, ampliando a oferta e deprimindo os preços nos Estados Unidos.

As vendas de carne bovina têm sido menos afetadas pelo conflito, já que os volumes americanos para o mercado chinês são pequenos. Somente no ano passado a China reabriu o mercado para os EUA nessa frente. Em todo caso, a briga agora paralisa a expansão das vendas da carne americana para a China.

Para o Rabobank, a grande preocupação para as exportações dos EUA é o lento processo de negociações do Nafta com México e Canadá. A instituição também destaca que a seca também poderá ser um problema para a produção nos EUA e na Austrália.

Conforme o banco, algumas companhias globais de carne bovina revisaram para baixo suas expectativas de lucros em 2018 diante da combinação de interrupção do comércio e ampla oferta de proteínas, enquanto outros mantêm projeções de elevada rentabilidade. O banco prevê, em geral, mais pressão sobre as margens.

Autoridades brasileiras niegan responsabilidad en caso de carbunclo verificado en TURQUÍA

03/09/18 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura afirmou, em nota, “que não procedem as notícias sobre a ocorrência de antraz (carbúnculo hemático) em território turco ser oriunda do Brasil”. A Pasta informou ainda ter sido informada pelo governo da Turquia de que as importações de animais vivos brasileiros pelo país seguem sem interrupções.

O governo da Turquia, por meio da Embaixada em Brasília, comunicou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento que não procedem as notícias sobre a ocorrência de antraz, mais conhecido como carbúnculo hemático, em território turco ser oriunda do Brasil, informou o Mapa em nota. Dessa forma, a importação de animais vivos do Brasil segue sem interrupções.



Na quarta-feira, notícias da imprensa turca apontavam que havia sido identificada a presença de antraz em bovinos que faziam parte de uma carga composta por quase 4 mil animais vivos provenientes do Brasil. Segundo a imprensa local, os animais foram importados pela Instituição de Carne e Leite do país. Segundo Maggi, para que 1 boi embarque para exportação, são necessários 21 dias de quarentena antes, além dos 20 dias de viagem. Como a incubação do vírus do antraz (Carbúnculo) é de 21 dias, a contaminação dos bovinos ainda no Brasil, pela visão do ministro, é descartada.

De acordo com notícia veiculada no sitedo “Hurriyet Daily News”, animais infectados foram encontrados em uma propriedade no distrito de Ancara, a capital da Turquia. As vendas de bois foram interrompidas em centros de comercialização próximos. Pecuáristas turcos criticaram os controles realizados pelo governo e afirmaram que seus negócios serão prejudicados.

Ainda segundo a imprensa turca, um carregamento de 3.959 bovinos vivos importados do Brasil chegou pouco antes de um recente feriado islâmico. Depois que alguns morreram já na Turquia, o governo abriu uma investigação, 60 animais foram sacrificados e a propriedade onde eles estavam foi colocada em quarentena.

Brasil emitió nueva normativa para exportación de ganado en pie

04/09/2018 - Turquía comunicó la aparición de un cargamento de bovinos brasileños contaminado con ántrax.

El Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento de Brasil emitió y publicó en el Diario Oficial una nueva normativa actualizando procedimientos técnicos, sanitarios y operacionales para la exportación de bovinos, bubalinos y ovinos en pie, ya sea con destino a reproducción o engorde inmediato.

La nueva reglamentación define parámetros objetivos de densidad de animales en el transporte y en los establecimientos de pre embarque o cuarentenarios y la creación del Registro Nacional de Establecimientos Pre Embarque. Los nuevos requisitos entran a regir en 60 días.

Días atrás Turquía comunicó la aparición de un cargamento de bovinos brasileños contaminado con ántrax, una enfermedad causada por el Bacillus anthracis, un microbio que vive en la tierra, complicándose el mercado para nuevas operaciones desde Brasil.

A partir de ahora todas los cuarentenarios estarán acompañados por un veterinario del Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento con entrenamiento específico para atender problemas sanitarios, legislación y bienestar animal. Los veterinarios acreditados deberán dar una nueva prueba de acreditación en cinco años.

Brasil tiene 42 cuarentenarios en actividad que son 19 en Pará, 13 en San Pablo, 5 en Rio Grande do Sul, 4 en Minas Gerais y 1 en Santa Catarina. Una innovación importante fue crear incluir en la exportación de animales para reproducción y transporte aéreo con especificaciones sobre las áreas y la densidad de las cargas, pero a la vez, se deberá registrar en un informe todo lo sucedido durante el transporte de los animales durante el viaje.

“Los procedimientos se basaron en especificaciones internacionales vigentes”, afirmó el Dr. Guilherme Marques, director del Departamento de Salud Animal del MAPA y delegado de Brasil en la Organización Mundial de Sanidad Animal.

Egipto aceptó propuesta para certificación electrónica de exportaciones

06/09/18 - por Equipe BeefPoint Proposta de certificação eletrônica para a exportação de carnes para o Egito foi bem recebida por autoridades locais. A proposta de um piloto de certificação foi apresentada pelo secretário executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Eumar Novacki, o que deve alavancar as exportações de carne para aquele país.

Depois de reunião realizada na segunda-feira (3) com o ministro da Agricultura do Egito, Din Abu Steet, foi acertada a criação de um Grupo de Trabalho para desenvolver o tema. O governo egípcio entendeu que o programa de certificação eletrônica vai permitir desburocratizar os processos de exportação.

O ministro do Abastecimento e Comércio Interno do Egito, Ali Al-Meselhy, considerou que a reunião contribui para fortalecer a cooperação e o comércio entre os dois países e ressaltou a importância do Brasil como um dos parceiros mais importantes, especialmente para o fornecimento de carnes, aves e milho.

As autoridades do país pediram que o Brasil faça uma visita técnica para aprovar a importação de alho, uvas de mesa e cítricos egípcios. O governo do país africano vai enviar ao Mapa as datas para a realização da visita.

A iniciativa de implantar a certificação eletrônica para a exportação de carnes, projeto desenvolvido pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) e pela Universidade de São Paulo (USP), conta com apoio de entidades, como a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Câmara de Comércio Árabe Brasileira (CCAB), Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (FAMBRAS), Apex-Brasil e Mapa.



A missão brasileira, chefiada pelo secretário executivo do Mapa, Eumar Novacki, tem a participação de 25 empresas e entidades, além do Diretor do Departamento de Promoção Internacional do Agronegócio do Mapa, Evaldo Silva Júnior e o assessor da secretaria executiva do Mapa, Joseph Reiner.

Após o Egito, a missão seguirá para Istambul, na Turquia, onde seus integrantes participam na feira World Food Istambul.

Exportação de carne bovina

A carne bovina brasileira entrou em mais de 135 países em 2017, totalizando 1,5 milhão de toneladas e divisas de US\$ 6,1 bilhões. Já no acumulado do ano, de janeiro a julho deste ano, o Brasil vendeu 844 mil toneladas, com acréscimo de 8,3% em comparação a igual período do ano passado, representando US\$ 3,5 bilhões (+11,1%). Os principais importadores da proteína animal produzida pelo Brasil, até julho deste ano, foram Hong Kong, China, Egito, Chile, Irã, Estados Unidos e Alemanha, segundo dados da Secretaria de Relações Internacionais do Mapa.

O Brasil disputa com a Índia a primeira posição entre os maiores exportadores mundiais de carne bovina, com aproximadamente, 1,85 milhão de toneladas, em 2017, de acordo com relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Depois vem a Austrália (1,48 milhão de toneladas) e os Estados Unidos (1,3 milhão de toneladas). O Brasil possui 217 milhões de cabeças de gado bovino e bubalino.

Criticam nueva tabla de fletes

06/09/18 - por Equipe BeefPoint Tratada como “apenas um reajuste” pela Associação Brasileira dos Caminhoneiros (Abcam), a nova tabela de preços mínimos de fretes rodoviários divulgada hoje pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) aumentou um pouco mais a contrariedade do setor de agronegócios com a interferência do governo nessa frente.

Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a correção de 3% a 5% prevista na nova tabela, feita para acomodar a alta do diesel, vai encarecer o transporte de cargas a granel (como soja e milho) e frigorificadas (como carnes) entre 3,15% a 6,82%.

“Vamos acrescentar mais essas informações à nossa ação no STF [Supremo Tribunal Federal]. A nova tabela vai agravar a situação da agropecuária brasileira, porque está dificultando as negociações no mercado futuro, e da sociedade, que sofre com a inflação”, disse ao Valor o superintendente-técnico da CNA, Bruno Lucchi.

A CNA é uma das entidades que entraram com Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) no STF contra o tabelamento de fretes rodoviários no país, instituído por lei como parte do acordo entre o governo e representantes de caminhoneiros para encerrar a greve de maio.

Para a Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja-MT), a nova tabela reajustada “só reforça a inconstitucionalidade da Lei 13.703/2018, ferindo a livre iniciativa e a livre concorrência”.

URUGUAY

Cierra una semana con dificultades para concretar negocios por hacienda

La industria traslada una falta de interés en comprar en tanto crece la oferta de la mano del buen tiempo

Devaluación en la región “cambia las condiciones de comercio” en China

06/09/2018 - De todas maneras, el Presidente del Instituto Nacional de Carnes aseguró que “no debemos esperar ningún desastre”.

Las guerras comerciales e ideológicas están provocando importantes desequilibrios en las monedas de los países emergentes, potenciando la incertidumbre en los mercados internacionales.

El peso argentino se ha depreciado casi en un 50% frente al dólar, en Brasil el real perdió un 20% su valor, la lira turca se devaluó en un 40% y el rublo en Rusia cerca del 15%. Mientras la moneda China, principal socio comercial de Uruguay, también perdió posición.

En Uruguay la devaluación no ha tenido los mismos impactos y eso elimina espacio en los mercados mundiales para negociar los productos, entre ellos la carne vacuna.

El presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, aseguró a Rurales El País que las devaluaciones de China y los países vecinos cambian las condiciones comerciales. “Para China es más caro comprar la carne y a los oferentes devaluados es más fácil aceptar bajas de precios”.

Entiende que todo aquello que genera incertidumbre “es malo para la fluidez comercial (...) Todos queremos que las cosas sean lo más predecibles posibles, porque hay mucha plata en juego y los errores se pagan caros”.

Al momento, Stanham dijo que desde el INAC “no percibimos una presión generalizada de baja de valores, pero alguna cosa se está notando y se estima en el orden del 2 al 3%”. Y agregó: “Es necesario monitorear la situación semana a semana para estar informados y saber cómo viene la jugada”.



Reconoció que Argentina y Brasil están en condiciones diferentes a las de Uruguay, ante una presión de baja de precios. Sin embargo, considera que “el país está posicionado en China, los empresarios han defendido bien el producto y no creo que debamos esperar ningún desastre”.

Al 1 de septiembre China compró carne vacuna por US\$ 445 millones, un 41% del total exportado por Uruguay, un total de 150.342 toneladas. En el mismo periodo del año, las importaciones del país asiático fueron por US\$ 376 millones.

PARAGUAY

En Paraguay “no vamos a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa”

05/09/2018 - José Carlos Camperchioli, nuevo titular de Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), destacó que “aún existe cierta virulencia en la región y el país no se puede dar el lujo”.

Asunción, La Nación | José Carlos Camperchioli, nuevo titular de Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), destacó que Paraguay seguirá con el sistema de vacunación para prevenir la fiebre aftosa bovina, en medio de discusiones por el programa de erradicación que llevará adelante Brasil.

“Nosotros seguiremos con la vacunación para prevenir la fiebre aftosa. No podemos darnos el lujo de dejar de vacunar, principalmente por nuestra mediterraneidad y por estar al lado de dos países muy grandes”, explicó en contacto con Radio Nacional del Paraguay.

Agregó que autoridades sanitarias de Argentina anunciaron que para el 2022 ya no vacunarán contra la fiebre aftosa, argumentando que ya no existían factores de riesgo. “Brasil sigue queriendo soltar la jeringa para el 2021 o el 2022”, puntualizó. Aseveró que en el país no se dará eso ya que este año se registraron casos de fiebre aftosa en Venezuela y Colombia. “Aún existe cierta virulencia en la región”.

Al mismo tiempo, argumentó que Paraguay tiene al rubro de la carne como el segundo más importante en exportación, seguido de la soja. “Alcanzando cifras anuales de 1.500 millones de dólares. En los últimos 15 años, el rubro creció en un 20%”.

Indicó que el objetivo es llegar a mercados como Estados Unidos y Japón. Estimó que de cada 10 kilos de carne que se faenan en Paraguay 7,5 kilos van al exterior.

CHILE reunión final de la auditoría

Se realizó la reunión final de la auditoría de la misión del Servicio Agrícola y Ganadero (SAG) de Chile; compuesta por los Dres. Patricio Bustamante y Jaime Santibáñez acompañados por las autoridades del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (SENACSA), el viernes 31 de agosto del 2018, en el salón auditorio de la institución.

El objetivo de la misión fue inspeccionar tres plantas frigoríficas del país con miras a la rehabilitación de la exportación de la carne bovina paraguaya al mercado chileno.

Las plantas frigoríficas inspeccionadas fueron:

Martes 28 de agosto del 2018: Frigorífico FRIGOMERC- Asunción.

Miércoles 29 de agosto del 2018: Frigorífico IPFSA – Asunción.

Jueves 30 de agosto del 2018: Frigorífico MUSSA- Asunción

Cabe mencionar, que el mercado chileno es muy importante para el sector cárnico de nuestro país y la habilitación de todas las plantas frigoríficas es fundamental. Es importante resaltar que el SENACSA brinda todas las informaciones pertinentes para dar la mayor transparencia al proceso de la auditoría, de esta manera ofrece las garantías necesarias para que la verificación de los controles sea satisfactoria y que den cumplimiento a los requisitos de los mercados.

UNIÓN EUROPEA

La UE reiniciará negociaciones con EE.UU. para importar carne vacuna

04/09/2018 - En ningún caso se prevé la importación de carne de animales criados con hormonas.

Eurocarnes | La Unión Europea ha propuesto el reinicio de las conversaciones con Estados Unidos en torno a la importación de carne vacuna. El objetivo pasaría por incrementar la cantidad de carne criada sin hormonas que se importa procedente de este país.

La medida llega después de una reunión mantenida entre el presidente de la Comisión Europea, Jean-Claude Juncker, y el presidente de EE.UU., Donald Trump, en la que decidieron retomar las conversaciones sobre las relaciones económicas entre los dos bloques.

En la actualidad, la UE permite la importación de 45.000 toneladas procedente de animales criados sin hormonas al año, pero EE.UU. siempre desea que sea mayor dicha cuota.



ESTADOS UNIDOS

Rabobank: indústria estadunidense se mantém forte

03/09/18 - por Equipe BeefPoint A crescente oferta de proteínas e as consequências das relações comerciais desgastadas serão as principais preocupações do mercado de carne bovina dos Estados Unidos, disse o Rabobank em seu relatório trimestral Beef Quarterly Q3 Report.

“Há toda uma lista de questões que criam incerteza e volatilidade de mercado nos EUA, a maioria das quais afeta o comércio global de carne bovina”, observaram os pesquisadores do Rabobank. Mas o relatório destacou cinco questões como as mais importantes.

Em primeiro lugar, o fornecimento de carne bovina dos Estados Unidos continua bastante apertado, com a produção no acumulado do ano aumentando 3% em comparação com as expectativas de crescimento de 5%, segundo o Rabobank. Fortes níveis de base encorajaram produtores a comercializar gado de forma agressiva no primeiro semestre de 2018.

“Também contribuindo para volumes menores está o receio geral de que o aumento do número de bovinos em engorda e considerações sazonais possam baixar os preços”, disse o Rabobank. As previsões para a produção de carne bovina em 2019 exigem um aumento de 2,5% a 3%.

Uma abundância de proteína nos EUA tem destacado a necessidade de mais exportações. A produção suína está liderando o aumento no fornecimento total de proteína, com a produção no acumulado do ano aumentando 4% e a produção de suínos em 2019 deve aumentar de 4% a 5%. A produção de aves subiu 2,5 por cento, no entanto, a pressão dos preços e os retornos negativos devem manter uma expansão ainda maior, segundo o Rabobank.

Outra questão importante para o segmento de carne bovina dos EUA é a incerteza em torno dos acordos comerciais. “O fato desconcertante sobre a atual política comercial dos EUA são suas frequentes mudanças”, disse o Rabobank. O comércio de carne bovina foi menos afetado pela guerra comercial dos EUA com a China, porque o mercado foi aberto apenas no ano passado.

Uma preocupação maior é a falta de progresso na renovação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Em 28 de agosto, a Casa Branca anunciou um acordo com o México. As autoridades dos EUA estão atualmente em negociações com o Canadá, que impuseram tarifas sobre produtos de carne bovina dos EUA no valor de US \$ 170 milhões. O Rabobank disse que “... uma renovação bem-sucedida será alcançada; a incerteza é sobre quando isso ocorrerá.”

As condições de seca nos EUA são outro fator que leva à incerteza e à volatilidade do mercado, disse o Rabobank em seu relatório. “Atualmente, 15 estados têm condições extremas de seca excessiva e metade do rebanho bovino dos Estados Unidos mora nesses estados.” O Rabobank disse que o risco de liquidação do rebanho é alto por causa de danos às pastagens. No entanto, o rebanho bovino dos EUA ainda está se expandindo em ritmo lento, com base em fatores como a proporção entre o abate de vacas e o abate total e as novilhas como porcentagem dos abates de boi gordo.

Finalmente, os preços mais baixos da carne bovina no varejo e uma economia forte faz com que os consumidores continuem a comprar carne bovina, apesar da abundância de proteínas alternativas no mercado. Além disso, fortes exportações continuaram a movimentar o produto. As exportações de carne bovina para a Coreia do Sul aumentaram 41% no ano, enquanto as exportações para Hong Kong aumentaram 11%. “No entanto”, avisou o Rabobank, “com um mercado tão saturado, não vai demorar muito para dar a volta por cima.”

Programación de promoción favorecerá exportaciones de carnes

USMEF September 5, 2018 Included in the tariff relief package was additional support for the Agricultural Trade Promotion Program. (Farm Journal)

USDA recently provided further information on the actions it will take to assist farmers in response to trade retaliation imposed by foreign nations. More details are included in this USDA news release and Farm Journal's PORK.

As noted in the USDA release, \$200 million will be made available to help U.S. agricultural exporters identify and access new markets through the Agricultural Trade Promotion Program (ATP) administered by the USDA Foreign Agricultural Service. In this audio report, Greg Hanes, U.S. Meat Export Federation (USMEF) vice president for international marketing, explains how a portion of this funding may be utilized to bolster U.S. red meat exports.

While Mexico (pork), China (pork and beef) and Canada (cooked/prepared beef) are the three trading partners that have imposed retaliatory duties on U.S. red meat, Hanes says the ATP appears to offer flexibility in determining where promotional funding will be used, which will be helpful in maximizing the positive impact on U.S. exports.

Trazabilidad: mejor tarde que nunca

John Maday September 6, 2018



The management team for the CattleTrace pilot project includes (From Left) Kansas Animal Health Commissioner Justin Smith, DVM, Program Coordinator Cassie Kniebel and Brad White, DVM, MS, Director of K-State's Beef Cattle Institute. (Kansas State University)

Back in 2003, the USDA formed a national working group with representatives from across the livestock industry to hammer out a preliminary plan for a traceability system to enable a rapid, targeted response in the case of an outbreak of infectious disease such as foot and mouth disease (FMD). That working group developed the U.S. Animal Identification Plan (USAIP), which evolved into USDA's National Animal Identification System (NAIS) in 2004. Grass-roots resistance to NAIS grew, and the program never gained traction.

Nearly a decade later, in 2013, USDA launched its Animal Disease Traceability (ADT) system, a useful but extremely limited program that remains in place today. The current ADT program focuses on interstate movement of breeding-age cattle, 18 months of age or older, and dairy cattle. The program exempts beef calves and feeder cattle, which travel in the greatest numbers and pose the greatest risk for spreading disease as they move through marketing channels and co-mingle with cattle from multiple sources.

Over the spring and summer of 2017, the USDA hosted a series of public meetings to solicit stakeholder feedback on the existing program and the next steps. In September, USDA officials discussed the results of those meetings during a strategy forum hosted by the National Institute for Animal Agriculture and the U.S. Animal Health Association.

Based on public feedback, a state and federal ADT working group has developed a list of preliminary recommendations on key issues, including a shift toward exclusive use of radio-frequency identification (RFID) devices for official animal ID and eventually, inclusion of feeder-cattle movements.

USDA intends to focus initially on a "bookend" system for livestock entering interstate commerce, with assignment of animal identification and tracking capabilities for the farm or ranch of origin and retirement of those ID numbers at slaughter. Eventually, the system would provide traceability through every movement and production stage from birth to slaughter.

The state of Kansas, meanwhile, is moving forward with its "CattleTrace" pilot program, a public-private collaboration focused on ranch-to-slaughter traceability for disease surveillance and intervention. In December 2017, the Kansas Livestock Association (KLA) voted for policy supporting mandatory cattle disease traceability for all ages of cattle, which provided momentum for the program.

In addition to the KLA, CattleTrace partners include Kansas State University, the Kansas Department of Agriculture, USDA, and individual producer stakeholders. It is being jointly funded by public and private resources.

Participants plan to enroll and track about 55,000 cattle over the next two years, using ultra-high-frequency (UHF) tags and readers, which allow users to quickly capture individual ID numbers from groups of cattle. The program's planners designed the system to collect the minimum of necessary information for tracking in a disease outbreak – just an individual animal ID number, a GPS location, date and time.

Narrow Focus

The CattleTrace program has three primary objectives:

Develop a purpose-built infrastructure for an animal disease traceability system.

Evaluate the efficiency and capabilities of the animal disease traceability system and infrastructure.

Determine the value of an animal disease traceability system throughout the supply chain.

Brad White, DVM, MS, Director of the Beef Cattle Institute at Kansas State University, says CattleTrace developers have intentionally kept the plan as simple as possible, with a narrow focus on disease traceability. "We know for a traceability system to be effective, it needs to be simple, fast, and affordable to make its adoption within the industry as seamless as possible," he says.

The pilot project, White says, will help determine if the system can efficiently track all classes of cattle, including feeder cattle, moving within Kansas or across state lines, while also evaluating program costs across the entire production system.

Timeframe

Program organizers, he adds, currently are recruiting cow-calf producers to enroll cattle in the pilot project, with tagging and tracking beginning this fall and continuing through 2019.

Cassie Kniebel serves as program coordinator for CattleTrace. She says cooperators including feedyard, auction packing facilities, are presently installing UHF readers for use in the program. CattleTrace RFID tags are shipping to participants with a goal of tagging 55,000 cattle over two years. Kniebel says data collection will begin this fall, with the pilot project wrapping up by the spring of 2020.

Kansas ranchers and cattle feeders, Kniebel adds, generally have expressed positive interest and offered encouraging feedback. They increasingly understand the need for a comprehensive disease-traceability system, and appreciate the way the system limits data collection to just the information needed for its animal-health and food-security goals.

Veterinarian Participation



As Kansas Animal Health Commissioner, Justin Smith, DVM, leads the Animal Health Division of the Kansas Department of Agriculture (KDA), and serves on the CattleTrace steering committee. His office has responsibilities for maintaining Certificates of Veterinary Inspection (CVIs), disease surveillance and intervention. As a joint effort between state and private entities, he sees CattleTrace as a means to streamline those efforts.

Veterinarians, Smith says, can help inform and educate their clients about the system and the importance of disease traceability. But, he stresses that the system's "hands-free" design will not require any added input or paperwork from veterinarians. They'll continue conducting health inspections and filing CVIs as they do now, while the traceability system runs in the background.

While the CattleTrace system focuses entirely on tracking for disease mitigation, program organizers say producers or groups could voluntarily repurpose and share data between market segments for value-adding applications up and down the production chain. Smith says veterinarians, as some do today, could provide a service by helping design those systems and analyzing data to apply toward value-based breeding, management and marketing strategies.

The CattleTrace system has good potential to serve as a model for expansion of the national ADT program. The KLA policy demonstrates growing recognition of the need for traceability among cattle producers, and today's technology can enable full traceability with more speed, accuracy, efficiency and security compared with anything we discussed back in 2003.

For more information on CattleTrace, visit www.cattletrace.org.

Sidebar

USDA Envisions Future of ADT Program

During a recent National Institute for Animal Agriculture conference, USDA Under Secretary of Agriculture for Marketing and Regulatory Programs Gregory Ibach delivered a keynote address on the future of the Animal Disease Traceability (ADT) system. Ibach stressed that USDA intends to collaborate with industry and commodity groups in advancing the ADT system, with an emphasis on protecting animal health and food safety while also benefiting producers. He outlined three critical "legs" to the USDA's efforts toward protecting the food supply.

Prevention, preparedness and response: This includes developing systems and standards for biosecurity, surveillance and disease detection, training and outreach and rapid response plans. Previous disease outbreaks, such as highly pathogenic avian influenza (HPAI) have illustrated a need for logistics planning.

National Animal Health Laboratory Network: Ibach discussed a need for rapid diagnostic services at close proximity to producers.

Vaccine Bank: An expanded national vaccine bank for foot and mouth disease (FMD) and other diseases.

Ibach stressed that prevention is a first priority, and noted that traceability plays a key role in surveillance and response capabilities. USDA, he says, intends to leave traceability technology and mechanics up to individual states, while focusing federal efforts on the information needed to achieve their disease-response goals. USDA will issue requests for proposals from states detailing biosecurity and traceability plans. Qualification for federal indemnity programs will depend on states implementing approved plans for traceability.

USDA intends to focus initially on a "bookend" system for livestock entering interstate commerce, with assignment of animal identification and tracking capabilities for the farm or ranch of origin and retirement of those ID numbers at slaughter. Eventually, the system would provide traceability through every movement and production stage.

APHIS reconoce cuatro regions con riesgo insignificante de BSE

USDA/APHIS September 4, 2018 APHIS is recognizing Croatia, Poland, Northern Ireland and Scotland as negligible risk for Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE). (Mapchart.net)

The U.S. Department of Agriculture's Animal Plant Health and Inspection Service (APHIS) is recognizing Croatia, Poland, Northern Ireland and Scotland as negligible risk for Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE). APHIS is taking this action based on our review of the World Organization for Animal Health's (OIE) supporting information regarding the risk designations for these four regions. APHIS published a notice available for public comment in April and received one comment. View the final notice [here](#).

VARIOS

AUSTRALIA: China y Corea del Sur aumentan compras de carne vacuna australiana

05/09/2018 - Australia sumó 107.000 toneladas exportadas en el mes de agosto.

Las exportaciones de carne vacuna de Australia mantienen una buena performance durante el 2018 debido a las altas tasas de faena por la sequía que experimenta que se está extendiendo más tiempo del esperado, informó el Meat & Livestock Australia (MLA).



En agosto el país exportó 106.921 toneladas de carne vacuna, siendo la cifra más alta desde diciembre de 2015. La cifra supone un 1,7% más que en julio pero un 9,3% más que en agosto de 2017. En los 8 primeros meses del año, Australia suma 748.111 toneladas exportadas, un 12,6% más.

En cuanto a la distribución por mercados, el MLA destaca el buen comportamiento de los destinos asiáticos. Japón sigue siendo el principal comprador de la carne australiana con 27.610 toneladas pese a que esta cifra sea un 8,5% menor a la del mes de julio. En el año ha importado 212.249 toneladas, un 8,3% más.

Le siguió en importancia Estados Unidos con 23.000 toneladas en agosto, un 10% menos que en 2017. Sumando 160.094 toneladas en el conjunto del año, un 2% menos.

En otros destinos como Corea del Sur el incremento ha sido destacado, alcanzando las 18.047 toneladas en agosto, un 32% más que en 2017. Un total de 109.940 toneladas en 2018 (15% más). El MLA resalta este crecimiento debido a la fuerte competencia que debe afrontar por parte de Estados Unidos en este mercado.

Otro mercado que ha crecido significativamente es China con 14.516 toneladas en agosto pasado (+119%) y 103.346 toneladas en todo este año 2019 (+55%). De seguir con este ritmo, China podría finalizar el año en cifras récord de importaciones de carne vacuna.

Las ventas a países de la Unión Europea sumaron 1.700 toneladas en agosto, un 15% menos que en 2017 y sumando 11.000 toneladas en el conjunto del año, un 9% menos. (Eurocarnes).

EMPRESARIAS

Marfrig Martín Secco deja de ser CEO y lo sustituye Eduardo Miron

04/09/2018 - El segundo mayor productor y exportador de proteínas rojas del mundo, Marfrig Global Foods, basándose en la "excelencia operacional", anunció nuevos cambios estructurales que incluyeron el remplazo del CEO Martín Secco. El uruguayo venía desempeñándose como director ejecutivo desde 2015 y ahora será sustituido por Eduardo Miron, que hasta ahora se desempeñaba como vicepresidente de Finanzas y Relaciones con Inversionistas.

Secco asumió como CEO del grupo, que en Uruguay cuenta con cuatro frigoríficos —eb Salto, Tacuarembó, Colonia y San José— el 16 de febrero de 2015, sustituyendo al ejecutivo Sergio Rial. El empresario uruguayo fue líder en la instrumentación del Plan Estratégico: "Enfocar para Ganar" desde que se puso en marcha en 2013 y que le permitió a la compañía un mejor posicionamiento financiero.

En el marco de un comunicado que se envió a la Comisión de Valores Mobiliarios (CVM), según publicó el Diario Valor Económico, el ejecutivo uruguayo se reportará directamente a Marcos Molina dos Santos, presidente del Consejo de Administración, accionista y controlador del grupo brasileño.

"La elección de Eduardo Miron para el cargo de CEO global refuerza nuestro compromiso con una Marfrig sostenible operativa y financieramente. Miron estuvo al frente de las últimas operaciones estratégicas de la compañía: la compra del control accionario de National Beef y la venta de Keystone. Con estas operaciones, Marfrig se convierte en una empresa más simple, con foco en carne bovina y con una plataforma global de producción y distribución. Pasa a ser, también, una empresa de bajo apalancamiento", dijo Molina dos Santos.

El nuevo CEO de Marfrig llegó a la compañía en 2010 y fue Chief Financial Officer (CFO) de Keystone Foods, en Estados Unidos.

Antes de ingresar a Marfrig, trabajó 10 años en el Grupo Sara y más de dos décadas en la estadounidense Cargill, donde ocupó cargos de liderazgo en Brasil y Estados Unidos. A los 55 años, es graduado en Ciencias Contables, posgraduado en Finanzas y tiene un MBA de la Business School São Paulo/Universidad de Toronto, indicó el comunicado del grupo.

Bajo el mando del nuevo CEO, Marfrig Global Foods apunta a reforzar la generación de valor por medio de la sostenibilidad financiera, mayor integración y sinergias con National Beef. Dentro de Sudamérica apunta a una excelencia operativa, valorizando productos y marcas, así como en la revisión de su estructura, señaló el comunicado de la empresa.

Otro de los cambios anunciados ayer es la elección de Miguel Gularte, médico veterinario y con una trayectoria de más de 37 años en el segmento de la carne bovina, para comandar la operación de Sudamérica. En Marfrig, será responsable de 31 unidades en operación en Brasil, Argentina, Chile y Uruguay.

Inició su carrera en Cooperativa Industrial de Carnes e Derivados (Cicade), fue presidente del frigorífico uruguayo PUL, vicepresidente internacional de Minerva y presidente de JBS Mercosul.